

**10 ANOS DA REVISTA ELETRÔNICA HISTÓRIA EM REFLEXÃO (2007-2017): ANÁLISE CRÍTICA DA
TRAJETÓRIA DE UM PERIÓDICO CIENTÍFICO DA/NA FRONTEIRA**

Leandro Baller & Thiago Leandro Vieira Cavalcante

**10 ANOS DA REVISTA ELETRÔNICA HISTÓRIA EM REFLEXÃO
(2007-2017): ANÁLISE CRÍTICA DA TRAJETÓRIA DE UM
PERIÓDICO CIENTÍFICO DA/NA FRONTEIRA**

**10 YEARS OF THE REVISTA ELETRÔNICA HISTÓRIA EM
REFLEXÃO (2007-2017): CRITICAL ANALYSIS OF THE
TRAJECTORY OF A SCIENTIFIC JOURNAL OF/AT THE
BORDER/FONTIER**

**10 AÑOS DE LA REVISTA ELECTRÔNICA HISTÓRIA EM REFLEXÃO
(2007-2017): ANÁLISIS CRÍTICA DE LA TRAJETORÍA DE UN
PERIÓDICO CIENTÍFICO DE LA / EN FRONTEIRA**

Leandro Baller¹

Thiago Leandro Vieira Cavalcante²

Resumo: o texto tem como interesse central historicizar o processo de criação da Revista Eletrônica História em Reflexão no interior do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados, projeto iniciado no ano de 2006 pelos discentes do PPGH/UFGD e que está em pleno desenvolvimento na atualidade. Problematizar a maneira como é realizada a avaliação de periódicos científicos pelo *Qualis* e como essa discussão é fervorosa na área de História. Para tal, procuramos retomar algumas passagens que acompanhamos desde o interior da Revista até a composição da Comissão de Avaliação, no sentido de reforçar a nossa atuação junto aos meios de difusão de conhecimento científico.

Palavras-chave: Periódico Científico, Revista Eletrônica História em Reflexão, História, Ciência.

Abstract: the text has as a central interest to historicize the process of creation of the *Revista Eletrônica História em Reflexão* (Electronic Journal History in Reflection) within the Program of Post-Graduation in History of the *Universidade Federal da*

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em História e do Curso de História da UFGD. Mestre e Doutor em História pela UFGD, e fundador da Revista Eletrônica História em Reflexão no ano de 2006 em conjunto com Thiago Leandro Vieira Cavalcante. Atualmente desenvolve estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras – PPGSCF/PNPD, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, em Foz do Iguaçu.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em História e do curso de graduação em História da UFGD. Mestre em História pela UFGD e Doutor em História pela UNESP/Assis. Em 2006, juntamente com Leandro Baller, fundou a Revista Eletrônica História em Reflexão. Atualmente desenvolve estágio de pós-doutorado junto à Universidade Estadual de Maringá - UEM.

Grande Dourados (Federal University of Grande Dourados), a project started in 2006 by the students of the Program of Post-Graduation in History and that is in plenary development nowadays. It's observed in the text, the way of the evaluation of scientific journals by Qualis is carried out and how this discussion is fervent in History zone. For this, we try to resume some of the passages that accompany us from within the Journal to the composition of the Evaluation Committee, in order to reinforce our work with the means of disseminating scientific knowledge.

Keywords: Scientific Journal, Electronic Journal History in Reflection, History, Science.

Resumen: El texto tiene como interés central historizar el proceso de creación de la *Revista Eletrônica História em Reflexão* (Revista Electrónica Historia en Reflexión) en el interior del Programa de Postgrado en Historia de la Universidad Federal de la Grande Dourados, proyecto iniciado en el año 2006 por los discentes del PPGH/UFGD y que está en pleno desarrollo en la actualidad. Problematizar la manera en que se realiza la evaluación de revistas científicas por el Qualis y cómo esta discusión es ferviente en el área de Historia. Para eso, buscamos retomar algunas pasajes que acompañamos desde el interior de la Revista hasta la composición de la Comisión de Evaluación, en el sentido de reforzar nuestra actuación junto a los medios de difusión de conocimiento científico.

Palabras clave: Periódico Científico, Revista, Revista Electrónica Historia en Reflexión, Historia, Ciencia.

INTRODUÇÃO

O objetivo desse breve texto não é promover uma ampla discussão que dê conta de perfilar os pormenores da difusão e da divulgação dos meios de publicação científica, mas também, diante dessa afirmação não negamos a necessidade de fazê-la ou de propô-la, uma vez que há amplo material sobre o tema sendo escrito e analisado no interior da área e que poderia otimizar a discussão em outro nível do debate.

Aqui buscamos dizer um pouco sobre o caso específico d'áquilo que gira em torno da produção historiográfica ou que minimamente está mais próximo ao que lhe é comum, em torno da compreensão epistemológica que a cerca ou com a qual estabelece diálogos no tocante à pesquisa acadêmica em nível *stricto sensu*. Temos como interesse apresentar um pouco mais sobre a Revista Eletrônica História em Reflexão (REHR), que surgiu a partir de demandas internas no interior do Programa

**10 ANOS DA REVISTA ELETRÔNICA HISTÓRIA EM REFLEXÃO (2007-2017): ANÁLISE CRÍTICA DA
TRAJETÓRIA DE UM PERIÓDICO CIENTÍFICO DA/NA FRONTEIRA**

Leandro Baller & Thiago Leandro Vieira Cavalcante

de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH/UFGD), com a criação da REHR pelos discentes do PPGH.

Para esse momento julgamos importante denotar que esse processo de criação da REHR no ano de 2006, com a primeira edição sendo publicada em 2007, não é um *produto* isolado, mas sim, que nasceu compondo um quadro maior de interesses ligados diretamente à comunidade acadêmica, ao Programa, à Universidade e a sociedade de maneira geral, já que esse é o intuito maior de integração para as ciências humanas e sociais, âmbito da qual se localiza a REHR.

REVISTA ELETRÔNICA HISTÓRIA EM REFLEXÃO (REHR)

Nessa tentativa de historicizar a criação da REHR que atualmente perpassa pela primeira década de trabalho contínuo de publicação, atuando de forma ininterrupta, é importante enfatizar que ela está alocada no interior do.

Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) que foi criado em 1999, com a implantação do curso de mestrado, no campus de Dourados da UFMS. Com a formação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), a partir de 2006, o Programa foi contemplado com uma política de expansão e reestruturação das universidades federais, sendo consolidado com uma produção significativa de dissertações de mestrado que revelaram temáticas de fronteiras, questões indígenas, movimentos sociais e instituições. Nesse cenário de produção de pesquisa, em 2011, foi implantado o curso de doutorado. Nos últimos anos, ao desenvolver pesquisas e atividades docentes que articulam ambiência fronteiriça e historiografia, o PPGH/UFGD contou com a participação de professores e pesquisadores de instituições brasileiras e de outros países, como Paraguai, Bolívia, México, Cuba e Espanha, o que retrata um crescente investimento do Programa na articulação de suas ações com o debate historiográfico internacional. Atualmente, o PPGH/UFGD está organizado em três linhas de pesquisa: 1) História Indígena e do Indigenismo; 2) Sociedade, Política e Representações; 3) Fronteiras, Identidades e Representações (www.ppghufgd.com).

Podemos afirmar que o PPGH em conjunto com a UFGD deram todas as condições possíveis e que eram favoráveis naquele momento (2006), para que a REHR pudesse surgir como um meio de circulação que atendia a comunidade acadêmica local, regional e nacional. Tal apoio foi importante para que a REHR se tornasse um veículo de difusão conhecido em várias partes do mundo, atendendo

internamente com dinamismo e qualidade grande parte das demandas que são necessárias para o bom andamento de um veículo de produção, organização, circulação e difusão de conhecimento científico, vinda diretamente do interior do estado de Mato Grosso do Sul, com autonomia discente num diálogo profícuo com a área de conhecimento à que se vincula de maneira mais profunda que é a História, e como se evidencia até a atualidade, contando sempre com o apoio docente de várias áreas de conhecimento da Universidade e de fora dela, em especial ao corpo docente do Curso e do Programa em História.

Os percalços dessa empreitada como sempre são onerosos, afinal o *fardo da História* precisa ser carregado, nesse sentido asseveramos a insistência em um projeto de publicação criado pelos discentes e logo apresentado à Coordenação do PPGH, na época exercida pelo professor Eudes Fernando Leite, que apoiou o projeto colocando-se à disposição e principalmente enquanto agente ativo buscou motivar o corpo docente quanto à relevância e a viabilidade do projeto.

Nesse mesmo sentido, é salutar atentar à presteza e atenção que o setor de Informática da UFGD proporcionou, pois a própria Universidade ainda não havia definido um setor que pudesse ser denominada de Editora – lembrando que a própria UFGD estava em processo de criação –, para que essas demandas pudessem ser equacionadas – da forma como ocorre hoje. Logo, todo o trabalho contou também com o dispêndio desses profissionais, pois a proposta era totalmente voltada para o funcionamento digital e on-line, que só era possível e viável como o auxílio do setor de Informática e às pessoas que ali trabalham. Da mesma forma, criou-se uma identidade visual que permanece até a atualidade, outro quesito construído pelos discentes do PPGH e posto em prática, em especial isso aparece na ilustração das primeiras capas, o que se segue atualmente.

Nesse interim, não podemos deixar de evidenciar que a REHR não era algo excepcional ou inédito no campo da História da UFGD, já que desde o ano de 1997, antes mesmo da criação do PPGH e ainda enquanto Centro Universitário de Dourados (CEUD) pertencente então à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), se encontrava a já consolidada *Revista Fronteiras*, outro meio de difusão de conhecimento que estava em pleno funcionamento, realidade que nos fez perceber

não apenas aquilo que essa atividade nos traria de bom, mas também, e sobretudo, todo o trabalho que essa iniciativa demandaria, e como sabemos demanda até hoje.

Sendo assim, podemos dizer que a Revista Eletrônica História em Reflexão surge no interior de uma instituição que tem como objetivo não apenas produzir conhecimento, mas como a sua *irmã mais velha* – Revista Fronteiras – tem como interesse democratizar o conhecimento por meio da veiculação de material de qualidade, gratuito e com acesso irrestrito a quem interessar e necessitar, talvez esse tenha sido o princípio direcionador para a criação da REHR em 2006, coincidentemente ou não no mesmo ano em que a UFGD nascia e se colocava de maneira independente, autônoma e de qualidade como uma das principais universidades de Mato Grosso do Sul.

Nesse mesmo contexto, entre os anos de 2006 e 2008 outro projeto que já existia, mas que, todavia não estava consolidado entre os discentes do PPGH era a Associação de Pós-Graduandos de História (APGH). Dissemos que já existia enquanto aparato prático, com reuniões e encaminhamentos junto aos trâmites internos que envolviam discentes, a partir desse momento a APGH foi instituída enquanto pessoa jurídica, com os devidos Registros e Estatuto próprio, todo um aparato burocrático e caro, mas, necessário para dar respaldo às ações que eram desenvolvidas, ou seja, deixou de ser apenas um espaço de discussão e encaminhamentos internos e passou a responder junto ao PPGH, à Associação de Pós-Graduandos (APG), à Associação Nacional de Pós-Graduação (ANPG), à UFGD, enfim, tornou-se um mecanismo dinâmico entre os discentes, um espaço de pluralidade e que com o tempo passou a contemplar inclusive as demandas que a própria REHR exigia, como a circulação de editores, indicação de nomes, publicação de editais para esse fim, entre outros afazeres.

Não é novidade dizer que a produção historiográfica no Brasil aumentou sobremaneira nas últimas décadas, digamos que com maior expressão desde os fins dos anos de 1990. Vários são os fatores que desencadearam essa produção, dentre outros podemos destacar a abertura acadêmica em nível nacional com a criação de dezenas de universidade públicas federais, estaduais e privadas, com isso a multiplicação de cursos das mais diversas áreas de ensino e pesquisa passaram a fazer parte da realidade em nosso país. Consequentemente a pós-graduação tomou

**10 ANOS DA REVISTA ELETRÔNICA HISTÓRIA EM REFLEXÃO (2007-2017): ANÁLISE CRÍTICA DA
TRAJETÓRIA DE UM PERIÓDICO CIENTÍFICO DA/NA FRONTEIRA**

Leandro Baller & Thiago Leandro Vieira Cavalcante

carona nessa nova realidade e a produção acadêmica aumentou, nesse cenário os meios de publicação também ganharam espaço.

Outro fator que merece destaque foi a aceitação cada vez maior e melhor das publicações eletrônicas, o que de certa forma possui um maior alcance, já que pode ser acessado de qualquer lugar do mundo onde existe conexão com a Internet, bem como e no caso da REHR o que tornou o projeto possível a gratuidade das plataformas de gerenciamento ou de portais que dão suporte às publicações, diferentemente das publicações em papel (material), em que o dispêndio financeiro ocorria, a REHR nascia totalmente digital e *on-line*.

Para as publicações acadêmicas no campo das Ciências Humanas isso não foi diferente o que fica evidente ao percebermos o aumento dos cursos voltados às preocupações com a área como um todo, e no nosso caso em especial com a História enquanto disciplina acadêmica. Compreender o crescimento da produção historiográfica é sem dúvida entender a inserção cada vez maior da disciplina de História em Programas de Pós-Graduação, esse sem dúvida é o ponto central e fulcral para o *boom* na produção de livros, coletâneas, ensaios, dossiês e como no nosso caso em específico da criação da Revista Eletrônica História em Reflexão.

Na sequência seguem algumas informações coletadas no interior do sistema de editoração da REHR e que mostra um pouco mais de tudo aquilo que foi realizado nesses dez anos iniciais que tornaram as vinte e duas (22) edições da REHR possíveis de virem ao ar tornando-se referência na área.

Explorando melhor os quadros e gráficos dispostos na sequência deste texto é importante destacar a ampla circulação dos Editores, em uma busca rápida percebemos nesse período que vinte e sete (27) discentes encararam a prática editorial do veículo em um ou outro momento de sua vida acadêmica na passagem pelo PPGH, essa informação é valiosa, pois mostra a heterogeneidade de nomes, de pessoas e, sobretudo, de alunos que mesmo vindos de outros lugares de Brasil assumiram um compromisso com o projeto pensado em outro momento, mas que viram nele a oportunidade de aprender mais, se aproximar melhor de outras pessoas e construir a Revista com um pouco do seu DNA, todos os alunos que encamparam a REHR, ou àqueles que em um ou outro momento deram apoio às pessoas que estavam à frente da editoração são responsáveis pelo bom andamento dos trabalhos.

Destacamos que sempre zelamos pelas diretrizes formuladas pelo Sistema Periódico Qualis Capes³ (discussão que será ampliada mais à frente), mas também entendemos as limitações que temos, pois somos advindos das margens do Brasil.

Junto à heterogeneidade dos editores que compunham a REHR destacamos o Conselho Consultivo que está em constante transformação, agregando professores doutores de várias regiões do Brasil e de outros países. Profissionais com especialidades em campos específicos da História, da historiografia e de outras áreas contribuindo para os propósitos que compõe o objetivo de internacionalização da Revista. Todavia, reconhecemos que esse processo de internacionalização dos periódicos não é uma tarefa simples, mesmo aos meios que de certa maneira já estão mais consolidados e logicamente a efetivação desse projeto necessita ser revisada constantemente buscando assim maior atenção junto aos Conselhos Editorial e Consultivo.

Para ilustrar de maneira quantitativa esses dez anos de difusão do conhecimento julgamos importante trazer alguns dados efetivos que fazem da Revista uma amostra interessante trazendo apenas aquilo que realmente compôs a publicação de trabalhos de pesquisas científicas. Esses dados podem ser rastreados junto à REHR, mas de maneira pragmática trazemo-los por extenso e da mesma forma produzimos uma amostra visual que representa minimamente como esses números se efetivaram no decorrer dessa primeira década de existência da Revista.

A REHR publicou ao todo nesse período 332 trabalhos de pesquisas que se dispõe da seguinte maneira; 155 artigos que formaram os dossiês de diferentes temáticas, 117 artigos que comumente classificamos como livres, 45 resenhas que trataram de discutir a produção bibliográfica atual, 12 entrevistas que procuraram refletir especialmente sobre a História, a historiografia e em alguns momentos com temáticas específicas e que estavam sendo debatidas não apenas na academia, mas que eram de interesse social da comunidade, para isso os editores se cercaram de

³ O Sistema [Periódicos Qualis Capes](#) afere a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação, ou seja, dos periódicos científicos. A classificação de periódicos é realizada pelos [Coordenadores](#) indicados por seus pares por um período de três anos para as [49 Áreas de Avaliação](#) que definem critérios próprios de classificação das revistas para cada área. A atualização da lista de Periódicos do Qualis ocorre anualmente e enquadra os títulos das revistas em estratos indicativos de qualidade (<http://www.sibi.usp.br/apoio-pesquisador/escrita-publicacao-cientifica/selecao-revistas-publicacao/qualis-periodicos/>).

**10 ANOS DA REVISTA ELETRÔNICA HISTÓRIA EM REFLEXÃO (2007-2017): ANÁLISE CRÍTICA DA
TRAJETÓRIA DE UM PERIÓDICO CIENTÍFICO DA/NA FRONTEIRA**

Leandro Baller & Thiago Leandro Vieira Cavalcante

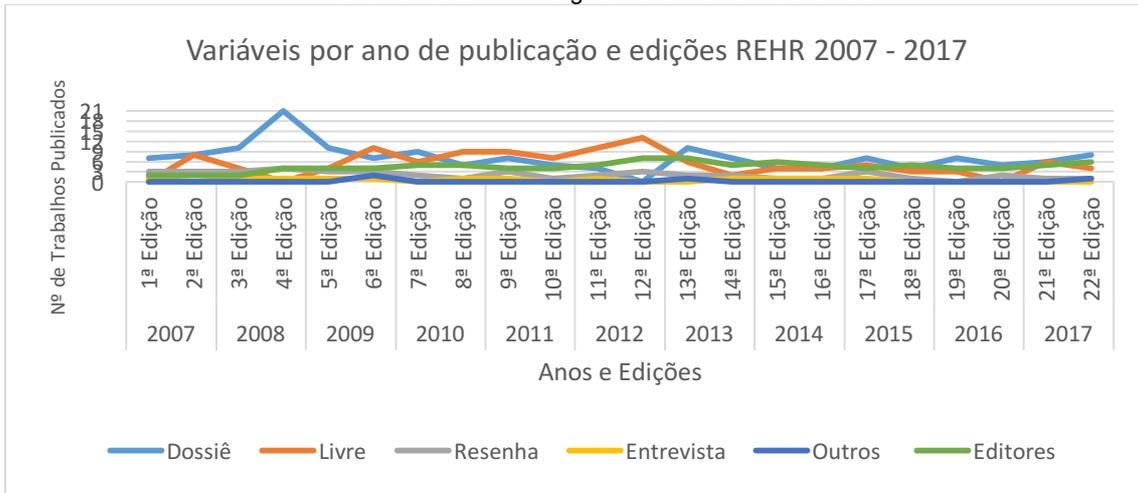
renomados nomes que puderam atender essa demanda. Ainda foram publicadas 1 crônica, 1 resumo de tese, e 1 redação suplementar, compondo assim como já frisamos os 332 trabalhos científicos de pesquisas que nela encontramos nesses 10 primeiros anos.

Com a apreensão desses números, embora a frieza quantitativa não dê conta de representar todo o esforço que essas cifras conceberam aos discentes envolvidos na editoração, bem como ao Conselho Consultivo para a avaliação e pareceres dessas edições, distribuídos edição por edição, ano após ano, conforme podemos visualizar abaixo nos gráficos e tabela. Outro número que é representativo, mas que se oculta nesse momento são as dezenas e dezenas de trabalhos de pesquisas que não foram aprovados para serem publicados. Vale destacar que desde a primeira edição a REHR adotou o sistema de *peer review*. Todos os trabalhos submetidos são avaliados por dois pareceristas com titulação de doutor. Quando há pareceres divergentes, o trabalho é submetido a um terceiro avaliador que subsidia a decisão final dos editores. Todo o processo de avaliação é cego, tanto para os autores quanto para os avaliadores, sendo assim acredita-se que as publicações têm alto nível de qualidade, dado que se avalia exclusivamente o conteúdo dos trabalhos e não a origem ou a titulação dos autores, bem como outros possíveis fatores subjetivos.

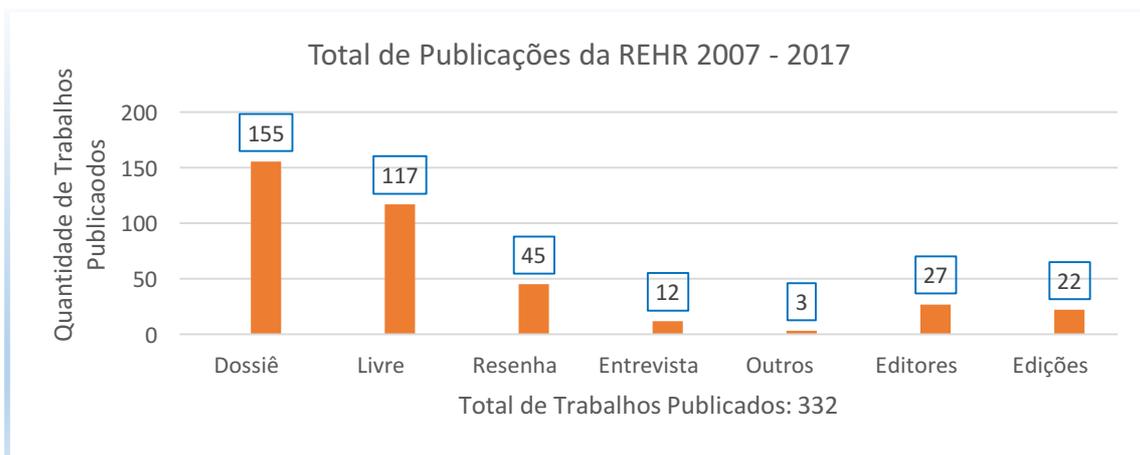
A qualidade dos trabalhos publicados sempre foi considerada como um fator relevante pelos editores da REHR, pois a Revista sempre contou com uma diversidade e uma variedade de trabalhos de pesquisa que ilustram um pouco a própria trajetória histórica que ela vem trilhando e nesse processo todos os autores, professores, pesquisadores, escritores, que se propuseram às normas da REHR são de muita importância e sempre estão “convidados” a submeter vossas pesquisas, estudos, escritos para que juntos possamos construir um meio de difusão de conhecimento pautado na heterogeneidade de ideias, de pessoas, de áreas e, sobretudo, sem plágios, não sendo endógena e propondo realmente fazer a diferença, mesmo que seja desde as margens em que nos localizamos, dando sentido real às 9 diferentes áreas em que a REHR está atualmente com Qualis avaliado, uma interdisciplinaridade interessante à considerar.

10 ANOS DA REVISTA ELETRÔNICA HISTÓRIA EM REFLEXÃO (2007-2017): ANÁLISE CRÍTICA DA TRAJETÓRIA DE UM PERIÓDICO CIENTÍFICO DA/NA FRONTEIRA

Leandro Baller & Thiago Leandro Vieira Cavalcante



Fonte: Produção própria a partir dos dados internos da REHR.



Fonte: Produção própria a partir dos dados internos da REHR.

Anos	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017											
Variáveis	1ª Edição	2ª Edição	3ª Edição	4ª Edição	5ª Edição	6ª Edição	7ª Edição	8ª Edição	9ª Edição	10ª Edição	11ª Edição	12ª Edição	13ª Edição	14ª Edição	15ª Edição	16ª Edição	17ª Edição	18ª Edição	19ª Edição	20ª Edição	21ª Edição	22ª Edição
Dossiê	7	8	10	21	10	7	9	5	7	5	4	0	10	7	4	4	7	4	7	5	6	8
Livre	0	8	4	0	4	10	6	9	9	7	10	13	6	2	4	4	5	3	3	0	6	4
Resenha	3	3	3	4	3	3	2	1	3	1	2	3	2	2	1	1	3	1	0	2	1	1
Entrevista	1	0	1	1	1	1	0	1	1	0	1	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0
Outros	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Editores	2	2	2	4	4	4	5	5	4	4	5	7	7	5	6	5	4	5	4	4	5	6

Fonte: Produção própria a partir dos dados internos da REHR.

QUALIS PERIÓDICOS: O SISTEMA DE AVALIAÇÃO DE PERIÓDICOS DA CAPES E A REHR

**10 ANOS DA REVISTA ELETRÔNICA HISTÓRIA EM REFLEXÃO (2007-2017): ANÁLISE CRÍTICA DA
TRAJETÓRIA DE UM PERIÓDICO CIENTÍFICO DA/NA FRONTEIRA**

Leandro Baller & Thiago Leandro Vieira Cavalcante

O propósito desse tópico é proporcionar a compreensão da avaliação de periódicos científicos elaborada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Superior – CAPES, bem como o posicionamento da REHR nessa avaliação. No Brasil, corretamente ou não, o prestígio e a importância dos periódicos científicos são medidos pela sua classificação no *Qualis* Periódicos da CAPES. Atualmente⁴ a REHR está avaliada por nove⁵ áreas da CAPES⁶. A área de História classificou a REHR como B3, no extremo mais baixo a REHR recebeu a classificação C (irrelevante) nas áreas de Educação, de Linguística e Literatura, mas por outro lado, a área de Sociologia avaliou a Revista como B2. O que isso significa? Como as áreas chegam a esses conceitos e qual o impacto disso na vida do periódico? São as questões que pretendemos discutir, ainda que parcialmente.

Classificação da REHR no *Qualis* Periódicos (2013-2016)

ANTROPOLOGIA / ARQUEOLOGIA	B4
CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS	B4
CIÊNCIAS AMBIENTAIS	B4
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO E TEOLOGIA	B3
EDUCAÇÃO	C
HISTÓRIA	B3
INTERDISCIPLINAR	B3
LINGUÍSTICA E LITERATURA	C
SOCIOLOGIA	B2

Fonte: Plataforma Sucupira, *Qualis* Periódicos (BRASIL, 2018).

O *Qualis* Periódicos da CAPES é um instrumento destinado à avaliação da produção intelectual dos Programas de Pós-Graduação brasileiros, este deveria ser o seu único fim, porém na prática não é, fato que, como veremos, acaba provocando alguns problemas para o mundo acadêmico brasileiro. Ao acessar a página do *Qualis*

⁴ Avaliação referente ao quadriênio (2013-2016).

⁵ O que significa que integrantes de Programas de Pós-Graduação de nove diferentes áreas publicaram artigos na REHR.

⁶ Atualmente a CAPES conta com 49 áreas responsáveis pela avaliação dos Programas de Pós-Graduação no país.

Periódico, na Plataforma Sucupira (BRASIL, 2018) deparamo-nos com a seguinte mensagem:

O que é?

O Qualis-Periódicos é um sistema usado para classificar a produção científica dos programas de pós-graduação no que se refere aos artigos publicados em periódicos científicos. Tal processo foi concebido para atender as necessidades específicas do sistema de avaliação e é baseado nas informações fornecidas por meio do aplicativo Coleta Dados. Como resultado, disponibiliza uma lista com a classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da sua produção.

[...]

Pra que serve?

A função do QUALIS é exclusivamente para avaliar a produção científica dos programas de pós-graduação. Qualquer outro uso fora do âmbito da avaliação dos programas de pós-graduação não é responsabilidade da CAPES.

[...]. (BRASIL, 2016a, grifos nossos).

A pós-graduação no Brasil, assim como nossa tradição universitária, é um fenômeno historicamente recente, na área de História, os primeiros Programas foram institucionalizados nos anos 1970⁷. Em 1977 a CAPES começou a fazer a avaliação sistemática dos mesmos, foram criadas comissões de assessores por área e o Conselho Técnico-Científico da Educação Superior (CTE-ES). Inicialmente os resultados das avaliações não eram públicos, restringiam-se à CAPES e ao Programas avaliados. Nesse período os Programas eram avaliados com conceitos de A a E, sendo: A (muito bom), B (bom), C (Regular), D (Fraco) e E (Insuficiente). (BARATA, 2016).

Na década de 1990, os conceitos foram substituídos por notas de 1 a 5 e a quantidade de artigos publicados em periódicos científicos passou a ganhar muito importância na avaliação. Em 1998 foi instituída uma ficha de avaliação padrão para todas as áreas, modelo seguido até a atualidade. (BARATA, 2016).

⁷ Em 1971 surgiram os primeiros cursos de mestrado (USP, UFF, UFG, UFPR, PUC-SP, UFGO, PUC-RS e UFPE) e também em 1971 apenas a USP começou a oferecer a titulação de doutorado em História Social ou História Econômica. Nas décadas seguintes a área expandiu-se e, sobretudo, nos anos 1990 e 2000 alcançou quase todos os estados do Brasil. No quadriênio (2013-2016) 71 Programas foram avaliados, 39 deles contando com os cursos de mestrado e doutorado. O PPGH da UFGD foi iniciado, com aprovação da CAPES, em 1999. (CAPES, 2016).

**10 ANOS DA REVISTA ELETRÔNICA HISTÓRIA EM REFLEXÃO (2007-2017): ANÁLISE CRÍTICA DA
TRAJETÓRIA DE UM PERIÓDICO CIENTÍFICO DA/NA FRONTEIRA**

Leandro Baller & Thiago Leandro Vieira Cavalcante

Atualmente os Programas recebem notas que variam de 1 a 7, sendo os 1 e 2 considerados insuficientes e, portanto, descredenciados ou não autorizados. A nota 3 é a mínima para o funcionamento de um Programa e, na prática, exceto raras exceções, permite apenas o funcionamento de cursos de mestrado. As notas 4 e 5 seriam bom e ótimo e 6 e 7 Programas com padrão de excelência internacional (critério fundamental para ascender a esses estratos é o alto grau de internacionalização).⁸ Permanece atualmente a utilização de uma ficha de avaliação padrão, mas as áreas podem atribuir pesos diferentes para cada item avaliado. No caso da História no quadriênio (2013-2016) tivemos o seguinte: proposta do programa (avaliação qualitativa), corpo docente (20%), corpo discente, teses e dissertações (30%), produção intelectual (40%), inserção social (10%)⁹. (BRASIL, 2016).

De acordo com a proposta de avaliação da área de História, isoladamente, a produção intelectual é o item de maior peso. E, vale destacar que nesse item avalia-se exclusivamente a produção intelectual dos docentes permanentes credenciados nos Programas.¹⁰ Neste item, são consideradas para a avaliação apenas as produções qualificadas (artigos, livros¹¹ e capítulos de livros) (55% da nota do item), avalia-se também a distribuição das produções qualificadas em relação ao corpo docente (30% da nota do item) e as produções técnicas (15% da nota do item). (BRASIL, 2016).

Sendo assim, a qualificação dos periódicos é um tema muito relevante e motivador de calorosos debates, pois interfere de maneira muito significativa na nota dos Programas e é válido ressaltar que não é apenas o prestígio acadêmico que está em jogo, pois as notas interferem diretamente no montante de recursos financeiros e números de bolsas de estudo que os Programas recebem da CAPES. Os Programas de notas 6 e 7 participam de um programa de financiamento específico, o PROEX¹² – Programa de Excelência Acadêmica, cujos recursos, em regra, são muito mais vultosos do que os do PROAP – Programa de Apoio à Pós-Graduação, destinado aos outros Programas. Além disso, no PROEX as coordenações dos Programas têm

⁸ Na avaliação quadrienal (2013-2016) apresentou-se o seguinte quadro entre os PPG's de História: 2 com conceito 7; 4 com conceito 6; 17 com conceito 5; 26 com conceito 4; 21 com conceito 3 e 1 com conceito 2. Um curso de mestrado e dois cursos de doutorado foram fechados (conceito 2). (BRASIL, 2017).

⁹ Proporção válida para programas acadêmicos.

¹⁰ A produção discente é avaliada no item "corpo discente, teses e dissertações". (BRASIL, 2016).

¹¹ Livros e capítulos de livros são qualificados pelo *Qualis* Livros, instrumentos que não discutiremos nesse artigo.

¹² Mais informações em: <<http://www.capes.gov.br/bolsas/bolsas-no-pais/proex>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

**10 ANOS DA REVISTA ELETRÔNICA HISTÓRIA EM REFLEXÃO (2007-2017): ANÁLISE CRÍTICA DA
TRAJETÓRIA DE UM PERIÓDICO CIENTÍFICO DA/NA FRONTEIRA**

Leandro Baller & Thiago Leandro Vieira Cavalcante

autonomia gerencial em relação aos recursos, enquanto que no PROAP¹³ os Programas usam os poucos recursos sob o controle e sujeitos a decisões dos pró-reitores de pós-graduação, bem como da ampla burocracia institucional.

Em termos quantitativos e qualitativos, a avaliação da produção intelectual em formato de artigos científicos dos docentes permanentes se dá pela atribuição de notas aos periódicos científicos nos quais os artigos foram publicados. Ou seja, a avaliação qualitativa é feita de forma indireta, supõe-se que os periódicos com melhores notas publiquem apenas trabalhos de alta qualidade e que os de menor nota publicam trabalhos inferiores ou de baixa relevância. É compreensível que se adote esse sistema, pois de fato seria impossível para a comissão de avaliação, ainda que integrada por um número grande de pessoas, avaliar individualmente a qualidade de cada artigo publicado.¹⁴ Todavia, parece inegável que o método dá margem para avaliações equivocadas o que pode induzir a conclusões igualmente equivocadas que podem beneficiar ou prejudicar os Programas em diversos aspectos.

No caso da avaliação da área de História, utiliza-se a seguinte gradação de pontos por artigo de acordo com o extrato do periódico:

Notas por artigo de acordo com o extrato do periódico (Área de História) Avaliação quadrienal (2013-2016)	
A1	100 pts.
A2	85 pts.
B1	70 pts.
B2	50 pts.
B3	30 pts.
B4	15 pts.
B5	5 pts.
C	Zero

Fonte: (FICO, 2015).

Ou seja, um artigo publicado em periódico A1, em termos de pontuação, equivale a vinte artigos publicados em periódico B5. Diante disso, a questão que gera

¹³ Mais informações em: <<http://www.capes.gov.br/bolsas/bolsas-no-pais/ds-e-proap>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

¹⁴ Em 2015, 10 a 11 de agosto, a CAPES realizou um Seminário de Acompanhamento em Brasília, na ocasião foi informado que em 2014 o número total de docentes permanentes credenciados nos Programas da área era de 1.385.

**10 ANOS DA REVISTA ELETRÔNICA HISTÓRIA EM REFLEXÃO (2007-2017): ANÁLISE CRÍTICA DA
TRAJETÓRIA DE UM PERIÓDICO CIENTÍFICO DA/NA FRONTEIRA**

Leandro Baller & Thiago Leandro Vieira Cavalcante

mais discussões entre avaliadores e coordenadores de Programas de Pós-Graduação são os critérios de avaliação dos periódicos.

Considerando o que já foi exposto, o *Qualis* Periódicos é um instrumento para a avaliação dos Programas, é preciso entender que o *Qualis* não é um indexador de periódicos, tampouco deveria ser utilizados para outros fins que não a avaliação dos Programas, a própria CAPES afirma isso. Na prática, no entanto, as Universidades utilizam o *Qualis* para avaliar a produtividade dos docentes, tanto para fins de progressões na carreira, quanto para o acesso a recursos para pesquisa. Várias agências de financiamento de pesquisas fazem o mesmo. Outro comum uso indevido se dá nos editais de concursos públicos, no que toca à prova de títulos.

Por que esses usos são indevidos? Como o *Qualis* se destina à avaliação dos Programas, um periódico só é incluído no *Qualis* se publicar artigos de professores ou de estudantes de pós-graduação. Ou seja, a avaliação é posterior. Um periódico sem *Qualis* entrará no *Qualis*, recebendo um estrato, quando um docente ou estudante de pós-graduação publicar nesse periódico e essa produção for informada na Plataforma Sucupira, da mesma forma poderá ser excluído se não houver publicações subsequentes. Sendo assim, quem não é docente ou aluno de pós-graduação não tem garantia de que todas as suas publicações em periódicos terão um conceito do *Qualis*, correndo o risco de não acessar recursos para pesquisa e até mesmo de ser prejudicado em concursos públicos e em avaliações funcionais, para ficar apenas nesses exemplos.

De maneira semelhante, os integrantes de pós-graduações não deveriam escolher os periódicos em que publicar com base nos estratos do *Qualis* de avaliações anteriores, pois, por diversos motivos, eles estão sujeitos a mudanças. Os estratos dos periódicos podem aumentar ou diminuir de um período para outro de avaliação, isso ocorre com certa frequência provocando insatisfações, até por conta da incompreensão do sistema. É comum um docente publicar em um periódico A1, por exemplo, mas no momento da avaliação quadrienal o periódico estar classificado como B2, por exemplo, ou mesmo com C (equivalente a zero), o contrário também pode ocorrer, um periódico inicialmente sem avaliação pode ser bem avaliado com A1, por exemplo. Na mesma linha, quando os pesquisadores deixam de publicar em periódicos avaliados com estratos mais baixos no *Qualis*, dificultam a melhoria da

**10 ANOS DA REVISTA ELETRÔNICA HISTÓRIA EM REFLEXÃO (2007-2017): ANÁLISE CRÍTICA DA
TRAJETÓRIA DE UM PERIÓDICO CIENTÍFICO DA/NA FRONTEIRA**

Leandro Baller & Thiago Leandro Vieira Cavalcante

avaliação desses periódicos, visto que alguns dos critérios, como se verá, têm a ver com a diversidade e a origem dos autores que publicam.

Diante do exposto, visualiza-se que, embora em oposição à recomendação da CAPES, atualmente o *Qualis* é um forte indutor no meio acadêmico brasileiro. Os pesquisadores são induzidos a publicar sempre nos mesmos periódicos, mesmo que eles não sejam os mais adequados para o seu trabalho, devido ao público alvo, por exemplo. Até que ponto, um trabalho será mais lido e citado se publicado apenas em língua inglesa se a temática desperta maior interesse em leitores de português ou de espanhol? Até que ponto um artigo sobre a região norte vai repercutir mais sendo publicado em um periódico do Sudeste? Isso é deletério para o sistema como um todo, pois tende a gerar hierarquias intransponíveis entre periódicos e Programas de Pós-Graduação e até reduzir drasticamente a autonomia dos pesquisadores no que tange à escolha de periódicos para a divulgação de suas produções e no limite, escanteamentos a determinadas correntes teóricas ou mesmo a determinadas temáticas de pesquisa que encontram dificuldades de aceitação em periódicos de alto estrato no *Qualis*, conseqüentemente menos financiamento e menos espaço nos Programas de Pós-Graduação.

Como a avaliação ainda parece longe de superar esse modelo, adotando, por exemplo, uma avaliação qualitativa por amostragem, o máximo que se pode fazer é equacionar da melhor maneira possível os critérios para avaliação dos periódicos. Barata (2016) esclarece que cada área de avaliação tem, até certo ponto, independência para estabelecer seus critérios de avaliação que são definidos muito em função da tradição de pesquisa de cada campo. As áreas de exatas e de biológicas, por exemplo, valorizam quase que exclusivamente o impacto bibliométrico apurado por bases internacionais de indexação, sendo as mais importantes: a *Scopus*, *JCR* e *SCiELO*. A *História* utiliza esses índices, inclusive os do *Google Scholar* (este universal), mas de modo subsidiário para a avaliação qualitativa. Isso ocorre porque a maioria dos periódicos nacionais não está em nenhuma das três primeiras bases citadas, visto que a inserção nas mesmas implica em elevados custos financeiros e a maioria dos periódicos nacionais não conta com financiamento público, não cobram taxas de autores e mantém acesso livre aos artigos (a maioria das revistas sobrevive apenas com o empenho de editores, estagiários e consultores), realidade muito

**10 ANOS DA REVISTA ELETRÔNICA HISTÓRIA EM REFLEXÃO (2007-2017): ANÁLISE CRÍTICA DA
TRAJETÓRIA DE UM PERIÓDICO CIENTÍFICO DA/NA FRONTEIRA**

Leandro Baller & Thiago Leandro Vieira Cavalcante

diversa de periódicos internacionais, principalmente de outras áreas acadêmicas que cobram altas taxas¹⁵ tanto de quem publica quanto de quem acessa os artigos.

Os critérios de avaliação de periódicos utilizados pela área de História na última avaliação quadrienal (2013-2016) foram definidos no curso do ano de 2015 e estão publicados na página da área na CAPES (BRASIL, 2016a). São critérios formais e objetivos, complementados por critérios quantitativos.

O periódico científico deve contar obrigatoriamente com os elementos a seguir, do contrário pode ser considerado com estrato C (não considerado periódico científico ou não atende aos critérios mínimos da área).

- a) ISSN;
- b) Editor responsável;
- c) Conselho editorial;
- d) Conselho consultivo;
- e) Linha editorial;
- f) Normas de submissão;
- g) Sistema de avaliação por pares;
- h) Publicação de pelo menos 14 artigos por volume (anual);
- i) Afiliação institucional dos autores;
- j) Afiliação institucional dos membros dos conselhos;
- k) Resumo dos artigos ao menos em português e inglês;
- l) Palavras-chave ao menos em português e inglês;
- m) Data de recebimento e aceitação de cada artigo;
- n) Publicação de pelo menos metade dos números planejados para o ano anterior ao da avaliação;
- o) Periodicidade regular. (BRASIL, 2016a, p. 2).

Em seguida o documento especifica as atribuições dos avaliadores e define os critérios para a atribuição de cada estrato.

1. Identificar os periódicos que não atendam às boas práticas editoriais a fim de atribuir-lhes o estrato C;
2. Identificar os veículos que não atendam à definição de periódico científico, tais como magazines, diários, anais, folhetos, conferências e outros e atribuir o estrato NPC (não periódico científico). Também poderão ser enquadrados nesse estrato os registros informados de maneira equivocada pelos programas;
- 3. Identificar os periódicos discentes e classificá-los com os estratos B3, B4 ou B5 conforme os critérios listados abaixo;**

¹⁵ A título de exemplo, segundo o site da Sociedade Brasileira de Imunologia, a publicação de um artigo em periódico internacional de alto impacto pode custar até 6.000 dólares americanos. Fonte <<http://sbi.org.br/quanto-custa-um-artigo-em-revistas/>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

10 ANOS DA REVISTA ELETRÔNICA HISTÓRIA EM REFLEXÃO (2007-2017): ANÁLISE CRÍTICA DA TRAJETÓRIA DE UM PERIÓDICO CIENTÍFICO DA/NA FRONTEIRA

Leandro Baller & Thiago Leandro Vieira Cavalcante

4. Identificar os periódicos incipientes ou que tenham avaliação frágil tendo em vista os critérios qualitativos mencionados neste documento e atribuir-lhes o estrato B5;
5. Distinguir, com base nos critérios formais ou quantitativos listados neste documento, os periódicos com potencial para receber a classificação nos estratos superiores (A1, A2 e B1) dos que possam receber as classificações B2, B3 ou B4.
6. Atribuir os estratos com base nos critérios qualitativos mencionados neste documento.

CRITÉRIOS FORMAIS OU QUANTITATIVOS

1. Será atribuído o estrato C aos periódicos que não atendam aos itens obrigatórios mencionados acima e aos que não sigam as boas práticas editoriais, tendo como referencial os critérios disponíveis na COPE (publicationethics.org) e/ou que não cumpram os critérios dos estratos A1 a B5;
2. **Será atribuído o estrato B5 aos periódicos discentes que cumpram as exigências obrigatórias que definem um periódico científico** e aos incipientes ou que tenham avaliação “frágil” tendo em vista os critérios qualitativos mencionados abaixo;
3. **Será atribuído o estrato B4 aos periódicos discentes que cumpram as exigências obrigatórias que definem um periódico científico e se destaquem tendo em vista os critérios qualitativos mencionados abaixo.** Também será atribuído o estrato B4 aos periódicos que publiquem pelo menos 30% de artigos cujos autores sejam vinculados a pelo menos duas instituições diferentes daquela que edita o periódico, por volume, e obtenha avaliação “baixa” tendo em vista os critérios qualitativos mencionados abaixo;
4. **Será atribuído o estrato B3 aos periódicos discentes que cumpram as exigências obrigatórias que definem um periódico científico e tenham especial destaque tendo em vista os critérios qualitativos mencionados abaixo.** Também será atribuído o estrato B3 aos periódicos que publiquem pelo menos 30% de artigos cujos autores sejam vinculados a pelo menos três instituições diferentes daquela que edita o periódico, por volume, esteja disponível em pelo menos uma base de dados, entre as mencionadas na alínea m) do tópico “Critérios Qualitativos” e obtenha avaliação “média” tendo em vista os critérios qualitativos mencionados abaixo;
5. Será atribuído o estrato B2 aos periódicos com periodicidade mínima semestral que publiquem pelo menos 40% de artigos cujos autores sejam vinculados a pelo menos quatro instituições diferentes daquela que edita o periódico, por volume, conte com conselhos com significativa distribuição regional (máximo de 20% por instituição), esteja disponível em pelo menos duas bases de dados, entre as mencionadas na alínea m) do tópico “Critérios Qualitativos” e obtenha avaliação “alta” tendo em vista os critérios qualitativos mencionados abaixo;
6. Será atribuído o estrato B1 aos periódicos que publiquem pelo menos 60% de artigos cujos autores sejam vinculados a pelo menos quatro instituições diferentes daquela que edita o periódico, por volume, conte com conselhos com significativa distribuição regional (máximo de 20% por instituição), esteja disponível em pelo menos

10 ANOS DA REVISTA ELETRÔNICA HISTÓRIA EM REFLEXÃO (2007-2017): ANÁLISE CRÍTICA DA TRAJETÓRIA DE UM PERIÓDICO CIENTÍFICO DA/NA FRONTEIRA

Leandro Baller & Thiago Leandro Vieira Cavalcante

duas bases de dados, entre as mencionadas na alínea m) do tópico “Critérios Qualitativos”, disponibilize integralmente todos os seus números na internet e obtenha avaliação “destacada” tendo em vista os critérios qualitativos mencionados abaixo;

7. Será atribuído o estrato A2 aos periódicos que publiquem pelo menos 75% de artigos cujos autores sejam vinculados a pelo menos cinco instituições diferentes daquela que edita o periódico, por volume, conte com conselhos cujos integrantes provenham de diversas regiões e instituições (máximo de 20% por instituição) dos quais participem ao menos 20% de pesquisadores estrangeiros qualificados, esteja disponível em pelo menos três bases de dados, entre as mencionadas na alínea m) do tópico “Critérios Qualitativos”, disponibilize integralmente todos os seus números na internet e obtenha avaliação “altamente destacada” tendo em vista os critérios qualitativos mencionados abaixo. Para a atribuição do estrato A2, a comissão deverá elaborar parecer justificativo sintético;

8. Será atribuído o estrato A1 aos periódicos que publiquem pelo menos 80% de artigos cujos autores sejam vinculados a pelo menos cinco instituições diferentes daquela que edita o periódico, por volume, conte com conselhos cujos integrantes provenham de diversas regiões e instituições (máximo de 20% por instituição) dos quais participem ao menos 20% de pesquisadores estrangeiros qualificados, esteja disponível em pelo menos três bases de dados, entre as mencionadas na alínea m) do tópico “Critérios Qualitativos”, disponibilize integralmente todos os seus números na internet e obtenha avaliação “excepcionalmente destacada” tendo em vista os critérios qualitativos mencionados abaixo. Para a atribuição do estrato A1, a comissão deverá elaborar parecer justificativo sintético.

9. A Área de História levará em consideração, de maneira suplementar, os indicadores bibliométricos JCR, SJR e, especialmente, os índices H fornecidos pelo Google Scholar (haja vista sua universalidade), sobretudo para a inserção dos periódicos nos estratos mais elevados (A1, A2 e B1). Os periódicos mobilizados pela área que integrem bases relevantes, como Web of Science e Scopus, serão candidatos aos estratos mais elevados.

CRITÉRIOS QUALITATIVOS

Serão valorizados os periódicos que:

- a) Publiquem informações esclarecedoras sobre o autor, como sua titulação e vinculação institucional;
- b) Tenham linha editorial e escopo definidos com precisão e densidade intelectual;
- c) Sejam pontuais em relação a sua periodicidade;
- d) Busquem a internacionalização, tanto do ponto de vista da capacidade de atração de artigos inéditos de autores estrangeiros, quanto da participação de conselheiros e pareceristas estrangeiros qualificados no processo efetivo de avaliação de originais submetidos ao periódico;
- e) Busquem ampliar a capacidade de difusão do conteúdo por meio de publicação bilíngue em português e inglês, além de outras línguas consideradas pertinentes à linha editorial;

10 ANOS DA REVISTA ELETRÔNICA HISTÓRIA EM REFLEXÃO (2007-2017): ANÁLISE CRÍTICA DA TRAJETÓRIA DE UM PERIÓDICO CIENTÍFICO DA/NA FRONTEIRA

Leandro Baller & Thiago Leandro Vieira Cavalcante

- f) Publiquem, predominantemente, artigos de pesquisadores qualificados;
- g) Evitem a publicação de artigos resultantes de dissertações e teses com atribuição de coautoria aos orientadores, já que não é a tradição da área;
- h) Deem ampla divulgação a editais com chamadas de artigos para dossiês, cuja temática deve ser relevante e definida com densidade intelectual;
- i) Reiterem, nos editais com chamadas de artigos para dossiês, a utilização do sistema de avaliação por pares, evitando convidar autores específicos;
- j) Garantam, nos editais com chamadas de artigos para dossiês, a avaliação equânime de todos os originais submetidos, inclusive daqueles eventualmente divergentes da perspectiva teórica ou historiográfica do organizador;
- k) Escolham pesquisadores qualificados e com perfil concernente à temática de dossiês para organizá-los;
- l) Estimulem o debate acadêmico por meio da publicação de resenhas críticas;
- m) Ingressem em bases relevantes como, por exemplo, Web of Science, Scopus, Scielo, European Reference Index for the Humanities (ERIH), Historical Abstracts (EBSCO), Redalyc, Clase, Latindex ou Dialnet;
- n) Obtenham financiamento das agências de fomento à pesquisa;
- o) Disponibilizem seu conteúdo e informações pertinentes na internet.

OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES

1. Os periódicos claramente vinculados a outras áreas serão avaliados com os critérios da Área de História, mas a atribuição dos estratos pela área tentará evitar maiores discrepâncias buscando aproximar-se da avaliação da área de referência;

2. A área observará os parâmetros de atribuição dos estratos aprovados pelo CTC-ES, a saber: $A1 < A2$; $A1 + A2 \leq 25\%$ do total de A1 a B5 e $A1 + A2 + B1 \leq 50\%$ do total de A1 a B5. (BRASIL, 2016a, p. 3-6, grifos nossos).

Mesmo com critérios aparentemente predominantemente objetivos, a inclusão nos altos estratos não se define apenas pelo atendimento dos mesmos dos critérios formais. A CAPES impõe travas a todas as áreas de avaliação: no máximo 50% dos periódicos avaliados podem ser classificados nos altos estratos (A1, A2 e B1), apenas 25% do total pode receber estrato A1 ou A2 e a quantidade de periódicos A1 deve ser menor do que a de A2.¹⁶ Ao menos desde o nosso ponto de vista sobre as áreas de Ciências Humanas, a CAPES parte do falso princípio de que é impossível que todos

¹⁶ No último período de avaliação (2013-2016) a área de História atribuiu conceitos a 1.687 periódicos. (CAPES, 2016a).

**10 ANOS DA REVISTA ELETRÔNICA HISTÓRIA EM REFLEXÃO (2007-2017): ANÁLISE CRÍTICA DA
TRAJETÓRIA DE UM PERIÓDICO CIENTÍFICO DA/NA FRONTEIRA**

Leandro Baller & Thiago Leandro Vieira Cavalcante

os periódicos cheguem a ser bons ou excelentes, a metodologia perpetua a hierarquização piramidal e estimula decisões subjetivas nas comissões de avaliação.

Tanto os critérios aqui expostos, quanto a sua aplicação pelas comissões avaliadoras podem motivar inúmeros debates e análises, entretanto, focaremos na avaliação de periódicos editados por discentes. Em 2015, a coordenação¹⁷ de área da História junto à CAPES enviou uma proposta de minuta para ser discutida pelo Fórum dos Coordenadores do Pós-Graduação em História¹⁸ que foi realizado na cidade de Salvador-BA entre 19 e 21 de outubro. Um de nós¹⁹ participou do Fórum como representante do PPGH/UFGD e especificamente compôs a comissão de periódicos. A proposta da coordenação de área foi arduamente debatida na comissão de periódicos e posteriormente no plenário. Várias sugestões de mudanças na proposta foram encaminhadas, poucas foram decididas de forma consensual, o que é raro nas decisões e encaminhamentos desse Fórum, isso dá uma ideia de quão calorosos foram os debates. (ANPUH, 2015).

No que tange aos periódicos editados por discentes, categorizados como “periódicos discentes”, categoria na qual se enquadra a Revista Eletrônica História em Reflexão, a proposta original da área de História era de que recebessem apenas os estratos B5 e B4. Parte significativa dos coordenadores/as de Programas de Pós-Graduação presentes apoiou esse encaminhamento, entendiam que seria um contrassenso acreditar que a produção mais qualificada da historiografia brasileira pudesse ser encontrada em periódicos discentes, argumento por princípio frágil no nosso entendimento. Por sua vez, a outra parcela de coordenadores, dentre os quais o do PPGH/UFGD, argumentou que seria ilógica a categorização de “periódicos discentes”, pois pouco importa quem edita um periódico (docentes, discentes ou mesmo editores profissionais), o que de fato importa é o cumprimento dos requisitos estabelecidos. Partiu-se do princípio de que todos os artigos publicados ou rejeitados são avaliados por consultores doutores e que estes avaliam os textos sem conhecer os autores dos

¹⁷ No último quadriênio (2013-2016), a coordenação de área foi exercida pelo professor Carlos Fico (UFRJ) e teve como adjuntos a professora Cláudia Wasserman (UFRGS) e professor Marcelo de Souza Magalhães (UNIRIO).

¹⁸ O Fórum de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em História é parte da Associação Nacional de História – ANPUH, foi fundado em 1990, é presidido pelo Secretário-Geral da ANPUH e tradicionalmente o Fórum se reúne duas vezes por ano.

¹⁹ Thiago Leandro Vieira Cavalcante coordenou o PPGH/UFGD de setembro de 2015 a agosto de 2017.

**10 ANOS DA REVISTA ELETRÔNICA HISTÓRIA EM REFLEXÃO (2007-2017): ANÁLISE CRÍTICA DA
TRAJETÓRIA DE UM PERIÓDICO CIENTÍFICO DA/NA FRONTEIRA**

Leandro Baller & Thiago Leandro Vieira Cavalcante

mesmos, sendo assim, não há tanta relevância na titulação de quem escreve e tampouco na de quem faz o trabalho de editoria (gestão) dos periódicos, no caso da REHR essa tarefa é exclusiva dos discentes do Programa. Depois de um difícil debate, a questão foi decidida após uma votação em que venceu a proposta de retirar as travas que se pretendia impor aos chamados “periódicos discentes”. De acordo com a proposta encaminhada para a área de História na CAPES, os periódicos discentes poderiam receber qualquer estrato, inclusive os mais altos, desde que se enquadrasse nos critérios de qualidade exigidos. (ANPUH, 2015).

Todavia, os encaminhamentos do Fórum são considerados meramente consultivos, a decisão final é tomada pelo coordenador de área que, neste caso, não acolheu a sugestão dos coordenadores de Programas. Por outro lado, como visto na citação *supra*, estabeleceu-se que o maior estrato atribuído aos periódicos discentes será B3, melhor do que a proposta original. Entendemos que essa decisão não foi a melhor possível, pois desestimula os editores a seguirem melhorando a qualidade dos periódicos e, sobretudo, desestimula pesquisadores mais experientes a submeterem seus artigos aos periódicos editados por discentes, o que na prática dificulta aos periódicos a obtenção e manutenção do estrato B3.

No que se refere à REHR, a última avaliação de periódicos manteve o estrato que já havia sido conquistado anteriormente: B3. Esse pode ser considerado um ótimo resultado dentro dos limites impostos pelos critérios vigentes. Segundo o avaliador,

Trata-se de um periódico discente ligado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados. Sua equipe editorial é composta por quatro alunos do Programa e alguns Professores. Seu Conselho Consultivo é amplo e institucionalmente bem diversificado. A revista está indexada e a submissão de artigos é aberta e submetida à avaliação por pares. Foi criada em 2009 e seu último número, v. 9 n. 18, é de dez/jul 2015. Está em dia em sua periodicidade semestral e tem ótima apresentação e organização. A revista reúne contribuições para o Dossiê de cada número, artigos livres e resenhas. Predominam os textos de discentes, extraídos de suas pesquisas de Mestrado ou Doutorado. Meu parecer é de que se mantenha a classificação B3. (FICO, 2016).

Percebe-se que o avaliador (não identificado) teve uma ótima impressão do periódico. Isso, sem dúvidas, é muito gratificante para todos nós que já estivemos ou estamos envolvidos com esse projeto. O desafio atual é manter esse padrão e

**10 ANOS DA REVISTA ELETRÔNICA HISTÓRIA EM REFLEXÃO (2007-2017): ANÁLISE CRÍTICA DA
TRAJETÓRIA DE UM PERIÓDICO CIENTÍFICO DA/NA FRONTEIRA**

Leandro Baller & Thiago Leandro Vieira Cavalcante

melhorá-lo ainda mais para, quem sabe, sob novos critérios alçar uma avaliação mais elevada, pois nem os critérios e nem as coordenações de área são eternos. Podemos fazer essa verificação de forma simples, objetiva e direta, simplesmente observando o estrato que a REHR conseguiu alcançar em Sociologia (B2), ou seja, em uma área afim da Revista o estrato foi mais elevado do que na área em que ela se enquadraria de forma mais específica que é a História

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A postura crítica adotada por nós nesse momento não é uma prática seguida a esmero sobre a Revista Eletrônica História em Reflexão, ou mesmo sobre o *Qualis*, ou qualquer forma de avaliação específica da área de História a que praticamente todos nós estamos expostos no mundo acadêmico, mais dia menos dia, todos avaliamos e todos somos avaliados academicamente, no caso dos periódicos de publicação científica categoria na qual a REHR está alocada isso não é diferente.

Nossa postura sobre o tema em questão advém desde os primórdios da criação da Revista, momento (2006) em que as condições políticas estavam mais abertas à aceitação de propostas que tinham como interesse a promoção social do conhecimento, desde a produção, organização até a difusão do conhecimento científico, naquele momento nossas atenções e preocupações já estavam alinhadas com alguns discursos que questionavam a maneira como certas práticas avaliativas e de concessões eram feitas no interior da academia e como sempre nossa atenção se voltou a área de História.

Enfim, retomamos algumas afirmativas que nos parecem claras e que permearam o decorrer do texto, e dizer que a produção do conhecimento é por si só uma prática e exercício de poder que ficam explícitos a cada momento em que paramos para pensar sobre a maneira como ele se dá, desde a ocasião em que é pensado como um projeto a ser desenvolvido gradualmente no passar dos anos até o momento em que ele é avaliado pelos pares. Todavia, é oportuno exaltar que o caminho traçado pela REHR é digno de nota e nos motivou a pensar sobre seu lugar de existência, da sua produção, da institucionalização da qual faz parte, e sobretudo, a pensar nas pessoas que a cercam, pois sem essas pessoas esse projeto jamais

teria saído do papel e se tornado uma realidade para centenas de pessoas que de uma ou outra forma já se envolveram nos trabalhos com a Revista Eletrônica História em Reflexão.

REFERÊNCIAS

ANPUH – Associação Nacional de História. **Ata do XLIX Fórum realizado em Salvador entre 19 e 21 de outubro de 2015.** Disponível em: <<https://anpuh.org.br/index.php/documentos/forum-de-ppgh>>. Acesso em 2 ago. 2018.

BARATA, Rita de Cássia Barradas. Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v. 13, n. 30, p. 013 - 040, jan./abr. 2016.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. **Plataforma Sucupira. Qualis.** Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. **Documento de área. História.** Brasília: CAPES, 2016. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/component/content/article/44-avaliacao/4639-historia>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. **Considerações sobre Qualis Periódicos. História.** Brasília: CAPES, 2016a. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/component/content/article/44-avaliacao/4639-historia>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. **Relatório da avaliação quadrienal. História.** Brasília: CAPES, 2017. Disponível em: <<http://avaliacaoquadrienal.capes.gov.br/resultado-da-avaliacao-quadrienal-2017-2>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

FICO, Carlos. **Apresentação Seminário de Acompanhamento 2015.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <thiago.ppghufgd@gmail.com> em 11 ago. 2015.

FICO, Carlos. **Avaliação dos Periódicos 2016 - Atualização 1.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <thiago.ppghufgd@gmail.com> em 1º set. 2016.

Artigo recebido via e-mail em 15/08/2018